

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

TIAGO SOARES GASPAR

**OS JOGOS COOPERATIVOS COMO POSSIBILIDADE
METODOLÓGICA PARA O ENSINO DO FUTSAL: NOTAS SOBRE
UMA PESQUISA-AÇÃO**

**Florianópolis
2011.2**

TIAGO SOARES GASPAR

**OS JOGOS COOPERATIVOS COMO POSSIBILIDADE
METODOLÓGICA PARA O ENSINO DO FUTSAL: NOTAS SOBRE
UMA PESQUISA-AÇÃO**

Monografia apresentada ao curso de graduação em educação física da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito à obtenção do título de Licenciado em Educação Física.

Orientador: Dr. Jaison José Bassani
Co-orientador: Prof. Lucas Barreto Klein

**Florianópolis
2011**

TIAGO SOARES GASPAR

**OS JOGOS COOPERATIVOS COMO POSSIBILIDADE
METODOLÓGICA PARA O ENSINO DO FUTSAL: NOTAS SOBRE
UMA PESQUISA-AÇÃO**

Monografia apresentada ao curso de graduação em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Educação Física.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Jaison José Bassani

Co-orientador: Prof. Lucas Barreto Klein

Membro: Prof. Dr. Aginaldo César Surtir

Membro: Prof. Ms. Paulo Ricardo do Canto Capela

Suplente: Prof. Ms. Carlos Luiz Cardoso

**Florianópolis
2011**

AGRADECIMENTOS

Acho interessante explicar que talvez eu possa me esquecer de agradecer há algumas pessoas importantes que passaram e estão na minha vida, mas isso não significa que não tenham sua importância. Primeiramente quero agradecer de todo coração aos meus familiares que estiveram sempre ao meu lado em momentos difíceis e felizes. Em especial quero dizer que tenho um PAI como modelo em minha vida e se um dia eu fizer metade das boas ações que ele fez pela sociedade sempre visando o bem, honestidade e amizade serei um homem que deixará um marco na história. A minha MÃE que nos momentos mais difíceis da vida de minha família, nos liderou, carregou no colo e foi o porto de toda a nossa segurança. Obrigado pelo carinho, amor e dedicação. Aos meus irmãos Diego e Camila que somados a mim contemplam os frutos do amor entre meus pais.

Aos meus tios, tias, primos e avós que na ausência da figura de seus esposos mantiveram-se sempre fiéis e preocupadas com a formação de seus filhos. A minha prima Adriana que gentilmente cedeu um espaço harmonioso, organizado para que pudesse morar e assim concluir meus estudos com calma. Em especial a minha tia Bernadete que como líder de Movimentos Sociais em Guerra Civil na Nicarágua acabou provocando em meus olhos um brilho de revolução e insatisfação com a sociedade em que vivemos.

Aos professores Evandro, Martinho, André Gil, Renato, Fábio Batata, Marcos Jardel, Leonardo Mascarenhas e Bill Fisher que participaram de projetos importantes na minha vida e que certamente contribuíram muito para minha formação. Ao professor Helio Marciano que foi a primeira pessoa a apostar e acreditar no meu potencial como professor e hoje é um grande amigo.

Ao Professor Luiz Carlos Vieira que me adotou como um filho e desde meu primeiro ano de universidade abriu sua escolinha de futsal para que eu pudesse desenvolver meu trabalho. Além disso, proporcionou algumas viagens para países Europeus e Estados Unidos que ficarão para sempre marcadas no meu coração. Com ele aprendi a ter ousadia e pensar que sempre podemos mais, respeitando os outros e trabalhando com valores.

Aos colegas de turma pelas inúmeras festas, brigas, eleições para centro acadêmico, organização de eventos e tantas outras coisas. Muito Obrigado!

Ao Grupo PET Educação Física que certamente contribuiu muito para minha formação e atuação como Educador. Ao professor Edgard pelo acolhimento e delicadeza de nos chamar atenção de uma forma tão sutil e humana, um homem de propósitos revolucionários e que tem o exemplo como caminho educativo.

As crianças do Centro Educacional Vivendo e Aprendendo que tornaram minhas tardes prazerosas. Ao Centro Social Marista e todos educadores, equipe de trabalho e educandos. Ao Professor Luca Klein, Júlio Coto pelas discussões que encontrei no GECUPOM. Ao Guilherme um irmão que ganhei de presente nesses últimos anos.

Aos boleiros do Sub 17 em especial ao Gabriel um craque de bola que de uma forma mágica passava e driblava por onde ninguém imaginava. Ao Matheus Faria um garoto de valores eterno capitão e líder do grupo. Ao Dudu que sempre esteve próximo de TODOS e com seu jeito simples deixou o grupo cada vez mais unido.

Ao Professor Giovani de Lorenzi Pires que deu uma primeira oportunidade como bolsista dessa Universidade. Primeiramente no Labomídia e posteriormente no PET. Ao Capela grande pensador, filósofo e homem. Um educador popular com projetos voltados às comunidades empobrecidas.

Ao Jaison um Orientador que na reta final desse trabalho bancou minha apresentação e acreditou no meu potencial. Tenho certeza de que ele chegou ao CDS para fazer história como outros que aqui estão.

Por fim a minha namorada Bárbara dos Santos que pacientemente esteve do meu lado nos momentos em que precisei de conselhos, carinhos, colo e com muito amor e respeito soube cuidar de um formando empregado em três lugares diferentes com uma rotina de inúmeros compromissos e com muitos sonhos. Muito obrigado por tudo! Você é uma pessoa especial na minha vida e que chegou na hora certa.

“Ao final de minha vida quero ter a certeza que lutei.

Lutei por um mundo mais justo, humano e amoroso.

E que nos fins dos meus dias eu possa olhar para o tempo e dizer que nada foi em vão. Como educador quero apenas mediar aquilo que eu sei e aprender com a humanidade aquilo que eu ainda não sei. Continuando com a certeza de que nada saberei, mas que o pouco que eu sei transformou a vida de algumas pessoas.”

(Tiago Soares Gaspar)

RESUMO

OS JOGOS COOPERATIVOS COMO POSSIBILIDADE METODOLÓGICA PARA O ENSINO DO FUTSAL: NOTAS SOBRE UMA PESQUISA-AÇÃO

O Futsal é uma das modalidades esportivas mais praticadas no Brasil. Inúmeros clubes e escolinhas de futsal surgem a cada ano. Com o avanço das ciências biológicas e humanas diversas metodologias de ensino foram surgindo com objetivo de orientar as intervenções daqueles que se lançavam ao desafio de ensinar o futsal. Esse trabalho visa apresentar algumas metodologias de ensino do esporte e posteriormente anunciar os jogos cooperativos como uma metodologia primeira a ser desenvolvida nessas escolinhas e clubes. Portanto, elaboramos um conjunto de oito aulas e partimos para um procedimento metodológico chamado pesquisa-ação. Para elencarmos as unidades significativas desse estudo, buscamos nas palavras dos envolvidos com a pesquisa momentos que julgamos estabelecerem uma relação teórica com a proposta dos jogos cooperativos.

Palavras-chave: Jogos Cooperativos; ensino; futsal.

SUMMARY

COOPERATIVE GAMES AS METHODOLOGY FOR TEACHING THE POSSIBILITY OF FUTSAL: NOTES ON AN ACTION RESEARCH

The Futsal is one of the most practiced sports in Brazil. Numerous schools of soccer clubs and come out every year. With the advancement of sciences and humanities various teaching methodologies have emerged to guide interventions aimed at those who threw the challenge to teach soccer. This paper presents some methods of teaching the sport and after announcing the cooperative games as a methodology first developed in these small schools and clubs. Therefore, we developed a set of eight classes and we set off for a methodological procedure called action research. To list the significant units of this study, we sought in the words of those involved with the research that we consider moments establish a theoretical relationship with the proposal of cooperative games.

Keywords: Cooperative games; teaching; futsal.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 01

1. Introdução.....	01
--------------------	----

CAPÍTULO 02

2. Notas sobre algumas Metodologias de Ensino dos Esportes Coletivos...	06
---	----

2.1 “Se o importante é competir o fundamental é cooperar”: um pouco sobre as metodologias de ensino do futsal e aspectos introdutórios dos Jogos Cooperativos.....	06
--	----

CAPÍTULO 03

3. DESCRIÇÃO DE CAMPO.....	15
----------------------------	----

3.1 A escola e a escolinha.....	15
---------------------------------	----

3.2 Um pouco sobre os professores.....	18
--	----

3.3 Um pouco sobre o Sub-17.....	20
----------------------------------	----

CAPÍTULO 04

4. PLANEJAMENTO DE INTERVENÇÃO.....	21
-------------------------------------	----

4.1 As Aulas.....	24
-------------------	----

CAPÍTULO 05

5. ANÁLISES DE INTERVENÇÕES.....	39
----------------------------------	----

CAPÍTULO 06

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
------------------------------	----

7. REFERÊNCIAS.....	44
---------------------	----

1. INTRODUÇÃO

Para iniciar esse estudo é importante ressaltarmos que o futsal é uma modalidade esportiva que está sendo muito utilizada nos clubes para a formação dos futuros jogadores profissionais de futebol. Assim, o futsal ainda é visto como uma espécie de “escola primária”, básica para formação de um novo “craque”, fato reforçado quando a trajetória de jogadores brasileiros de futebol de campo de sucesso, como por exemplo, Neymar, Robinho e Ronaldinho, é destacada nos principais veículos de comunicação de massa, em especial, a televisão. O futsal e o futebol estão amplamente relacionados em aspectos de fundamentos técnicos como: dribles, passes, condução de bola, chutes, desarmes etc., mas possuem suas particularidades e diferenças quando o assunto recai na perspectiva da complexidade e elementos que envolvem o jogo. Uma grande diferença está no número de jogadores e no terreno ou campo a ser jogado: no futebol¹ os times são formados por 11 jogadores cada (titulares), totalizando 22 envolvidos, que atuam sobre um campo medindo 120 m de comprimento por 90 m de largura (dimensões máximas). O futsal, por sua vez, é jogado com 5 jogadores cada equipe, totalizando 10 envolvidos disputando uma partida em uma área delimitada com medidas máxima de 42 m de comprimento e 22 m de largura. Embora esses não sejam os únicos aspectos que diferenciam esses esportes, eles certamente evidenciam a complexidade das multiplicidades de interações, movimentações, possibilidades, esquemas, sistemas, variações de jogadas que surgem a partir apenas da relação entre esses dois fatores: área de jogo e número jogadores.

Santa Catarina é um estado que apresenta destaque no cenário nacional com a participação de várias equipes na Liga Nacional de Futsal², além de contar com campeonatos estaduais nas mais diversas categorias (a partir dos 9 anos de idade), nos naipes masculino e feminino. Em todo o Estado, há equipes de futsal, profissionais ou amadoras, que mantêm equipes de categorias de base, ou seja, crianças e jovens treinam periodicamente para representar seus clubes e cidades em disputas que reproduzem os mesmos moldes das competições oficiais e profissionais da modalidade. Além dessas

¹ Baseado nas regras oficiais das modalidades.

² A *Liga Futsal* é o campeonato brasileiro da modalidade. Foi criada em 1996 pela Confederação Brasileira de Futsal (CBFS) com o propósito de profissionalizar o calendário das equipes do país. Para participar do campeonato, é preciso comprar uma franquia ou se associar a uma franquia já existente.

equipes, crianças e jovens também praticam e treinam futsal nas chamadas “escolinhas”, presentes com força cada vez maior em nossas cidades. Em Florianópolis, por exemplo, existe uma grande quantidade de escolinhas de futsal instaladas nos mais diferentes bairros urbanos da cidade, e mantidas por variadas instituições. Essas escolinhas surgem pelos mais diversos motivos: algumas, por exemplo, proporcionam uma opção para ocupar uma parte do tempo “ocioso” após o término das aulas, oferecendo sessões de treinamento semanais no próprio estabelecimento de ensino. Outras surgem da demanda que os clubes de futsal, que disputam competições adultas oficiais, não conseguem absorver e trabalham na perspectiva de formar jogadores que poderão ser “aproveitados” em clubes profissionais.

Esse estudo nasceu da minha própria experiência como professor de uma escolinha de futsal. Estudos e pesquisas na área de treinamento esportivo estão cada vez mais bem fundamentados, fornecendo, desta maneira, maiores subsídios científicos para que profissionais e professores de educação física tenham uma melhor atuação. Durante minha graduação, busquei referenciais teórico-metodológicos que suprissem minha inquietude sobre aspectos relacionados com a complexidade do **ser**³ que joga. Enquanto não encontrava respostas ou elas não me satisfaziam, minha prática ficou reduzida à mera reprodução de observações feitas em ambientes de treinamento ou à minha própria experiência como atleta e praticante da modalidade.

Com o passar dos anos, deparei-me com autores que tratavam da indissociabilidade dos fundamentos técnicos, táticos e físicos no ensino dos esportes, enfatizando a complexidade do jogo e contribuindo para o desenvolvimento de novas perspectivas para o ensino do futsal e outras modalidades esportivas. Mas o que pretendo enfatizar nesse estudo é que existe um **ser**, um sujeito antes de haver um (futuro) atleta, o qual precisa tomar consciência do seu papel, como jogador e como ser humano, compreendendo suas aspirações, limites, desejos, frustrações entre outros sentimentos. Parte dessas perspectivas para o ensino dos esportes, em geral, e do futsal, em específico, é apresentada no segundo capítulo desse estudo, ao lado das quais insiro também a metodologia dos jogos cooperativos como uma possibilidade a ser trabalhada com objetivo não de superar tais metodologias, mas sim de possibilitar novos questionamentos sobre o que de fato ensinamos ao **ser** que joga.

A pergunta que está “sulinando”⁴ esse estudo pode, em síntese, ser assim definida: quais as contribuições de uma metodologia baseada nos Jogos Cooperativos para o ensino o ensino do futsal? Nesse sentido, a presente monografia tem como objetivo apresentar,

³ O ser nesse estudo será destacado devido a sua importância e significado que será resgatado no trabalho.

⁴ Aqui apresento no sentido SUL uma perspectiva oposta ao que sempre afirmamos estar nos norteado, como se tivéssemos a obrigação de estarmos sempre voltado para hemisfério norte.

desenvolver, registrar e avaliar um conjunto de aulas para o ensino do futsal para jovens da categoria sub17 participantes de uma escolinha esportiva localizada em uma escola privada da cidade de Florianópolis.

Para dar conta desse objetivo, nosso caminho metodológico foi inspirado nos pressupostos que “suleiam” a pesquisa-ação. Para Franco (2005, p. 22), “a pesquisa-ação se constitui na busca simultânea entre conhecer e intervir na realidade”. Segundo esse autor, o pesquisador assume um papel indissociável com o universo a ser pesquisado, ou seja, de alguma forma se reduz a possibilidade de uma postura de neutralidade e de controle de diferentes circunstâncias da pesquisa. Uma das principais características da pesquisa-ação, segundo Pereira (1998, p. 52), “é de ser um processo que se modifica continuamente em espirais de reflexão e ação, e que, ao invés de se limitar a utilizar um saber existente, busca mudanças no contexto concreto”.

Existem algumas formas de pesquisa-ação, mas destaco que a pesquisa proposta nesse trabalho apresenta uma perspectiva com certas particularidades presentes nesse tipo de pesquisa, tais como: a) importância da construção coletiva entre pesquisador e sujeitos participantes da pesquisas; b) reflexão na ação coletiva, ou seja, avaliar e elaborar propostas que sejam construídas no coletivo; c) readequação das necessidades especiais que aparecem durante o processo.

Outro aspecto presente neste tipo de pesquisa é o fato haver uma realidade na qual se intervém e sobre o qual se busca algum tipo de transformação. No caso da presente pesquisa, não resta à menor dúvida de que diversas escolinhas de futsal reproduzem um conhecimento empírico com base no acúmulo das mais diversas experiências de seus professores. Sendo assim, a lacuna existente entre um conhecimento sistematizado proposto para o ensino do esporte, no caso o futsal, que confronte o que temos de hegemônico, ou seja, uma visão cartesiana, reducionista, mecanicista, tecnicista, pode vir a ser superada por uma proposta baseada em situações problemas⁵ e em Jogos Cooperativos. A necessidade de superar tais modelos justifica-se na medida em que pensamos na formação do ser que joga. Essa superação dar-se-á a partir do momento em que os professores estiverem em harmonia com seus conhecimentos e valores e propuserem atividades em que a percepção das intencionalidades superem a proposta da performance concreta, ou seja, da busca do rendimento máximo.

⁵ Nesse caso, busco apresentar situações reais de jogo nas quais as respostas possíveis devem partir do coletivo e da dinâmica do próprio jogo.

A relação próxima entre pesquisador-sujeito e sujeitos-participantes da pesquisa, característica da pesquisa-ação, facilitaram os processos de desenvolvimento desse estudo. As fases de procedimentos metodológicos desse trabalho se dividiram em:

1. Elaboração de um *Plano de Intervenção* com oito aulas baseadas nas concepções de Jogos Cooperativos e situações-problema de jogo;
2. Desenvolvimento das aulas e avaliação coletiva durante a intervenção, que comportava a possibilidade de alterações com base em novas idéias propostas pelos sujeitos participantes da pesquisa-ação;
3. Registro de observações-participantes dos sujeitos envolvidos com base em relatos de suas experiências nas aulas.
4. Análise e reflexão sobre a intervenção, buscando apontar caminhos e propostas;

Com base nos registros das observações-participantes em diário de campo⁶, utilizado como principal instrumento de coleta de informações sobre as intervenções, os dados foram sistematizados a partir de *unidades significativas*, ou seja, momentos marcantes com base nos relatos dos participantes da pesquisa. A seguir, no próximo capítulo, apresento algumas concepções de ensino do esporte que superam uma visão mecanicista, reducionista, instrumentalista e ênfase a metodologia a qual adotei como procedimento teórico-prático nas intervenções do conjunto de oito aulas dessa pesquisa-ação. Essa pesquisa, como dito, foi realizada com a categoria sub17 de uma escolinha de Futsal situada nas dependências de uma tradicional escola católica da cidade de Florianópolis. No decorrer desse trabalho apresento o campo de intervenção com mais detalhes e quais os critérios que me levaram à escolha dessa categoria.

⁶ O diário de campo foi um caderno específico para o registro dos alunos e pesquisador e esteve sobre uma mesa escolar ao lado da quadra para que todos envolvidos pudessem registrar momentos marcantes na medida que se sentiram à vontade para realização de tal ato (registrar).

2. NOTAS SOBRE ALGUMAS METODOLOGIAS DE ENSINO DOS ESPORTES COLETIVOS

2.1 “Se o importante é competir o fundamental é cooperar”: um pouco sobre as metodologias de ensino do futsal e aspectos introdutórios dos Jogos Cooperativos

Nesse momento do trabalho busco apresentar algumas propostas para o ensino do futsal como modalidade coletiva. O objetivo não é negar tais propostas, muito menos afirmar que se tratam de modelos ultrapassados, mas sim estabelecer um diálogo entre essas metodologias e os Jogos Cooperativos. Tenho plena consciência de que não tenho condições de apresentar todas as propostas de ensino dos esportes coletivos, basicamente por dois motivos principais. Primeiro, porque não tenho conhecimento sobre quantas são as propostas de ensino; segundo, porque não teria acúmulo teórico suficiente para contemplar a complexidade do assunto. Portanto, em um primeiro momento atrevo-me a apresentar a proposta apresentada por Greco (2006) para, em seguida, anunciar outras perspectivas de ensino e, por último, mas não menos importante, estabelecer um diálogo entre essas perspectivas de ensino e os Jogos Cooperativos.

De acordo com Bayer (1996) *apud* Garganta (1998, p. 32):

os jogos esportivos coletivos são modalidades que apresentam elementos comuns: um objeto, geralmente uma bola, movimentada com as mãos, pés, um terreno onde acontece o jogo, uma meta a ser atacada ou defendida, companheiros de equipe, adversários, a serem superados e regras a se respeitar.

Segundo esses autores, assim como para Greco (2006) Tavares (2006) Greco e Garganta (2006) no futsal, como também em outros jogos coletivos, a essência do rendimento é fundamentalmente tática.

Além disso, para esses autores, os jogos coletivos esportivos caracterizam-se pela sucessão constante de situações de jogo, nas quais os participantes devem resolver

problemas através de inúmeras tomadas de decisões, as quais envolvem um conteúdo tático e implicam relacionar processos cognitivos com processos motores.

Para Saad (2006), a metodologia a ser utilizada no processo de ensino aprendizagem-treinamento deve apresentar uma aproximação com a idéia e com o sentido/significado do jogo como um todo, que, por sua vez, promoverá, segundo Greco (2006), a melhoria das capacidades subjacentes à tomada de decisão, particularmente do conhecimento declarativo processual. Segundo Queiroga (2005, p. 21), “o conhecimento declarativo processual pode ser definido como o conhecimento das informações factuais e se refere ao que pode ser expresso e narrado pelo atleta”. É aquilo que o atleta consegue explicar. São os fatos que podem ser declarados. É um conhecimento que pode ser memorizado de forma a ser lembrado, posteriormente, de forma verbal. Em suma **é saber o que fazer** (EYSENCK; KEANE, 1994).

O conhecimento processual se refere à capacidade do atleta de executar tarefas complexas de forma automatizada, aparentemente sem o envolvimento de uma recordação consciente (FRENCH; THOMAS, 1987). Em síntese, o conhecimento processual consiste em **como fazer as coisas**, podendo ser dividido em *conhecimento divergente* e *conhecimento convergente*. Para STERNBERG (2000), o conhecimento convergente relaciona-se com a inteligência, e pode ser caracterizado pelos processos que possibilitam ao indivíduo a escolha, entre múltiplas alternativas, daquela que é considerada a mais adequada. Já o conhecimento divergente, relacionado com a criatividade, refere-se à produção de alternativas, com a formulação de idéias, na busca de soluções em detrimento às diversas situações que ocorrem na partida.

Portanto, as dimensões apresentadas por Greco (2006) sugerem uma complexidade sobre o jogo com uma demanda enorme de **conhecimentos cognitivos e motores como princípio básico** para atuação de quem se coloca na condição de jogar. Contudo, é na dimensão dos Jogos Cooperativos que resgato o sentido de **ser jogador do jogo jogado**.

Antes de iniciar a discussão sobre a metodologia dos Jogos Cooperativos, irei resgatar as principais idéias de outras concepções de ensino dos esportes coletivos. A abordagem metodológica para o ensino dos esportes defendida por Paes (2001) e Balbino (2001, 2005) tem como principais características e objetivo transcender a simples repetição de movimentos, permitindo uma iniciação, e formação esportiva consciente, crítica e reflexiva, fundamentada sobre os pilares da diversidade, inclusão, cooperação e autonomia, sustentando sua prática pedagógica sobre o movimento humano, as inteligências múltiplas, aspectos psicológicos, princípios filosóficos e aprendizagem social. Scaglia (1999, 2003) e Freire (2003) trazem em suas obras a caracterização de uma abordagem para o ensino dos

esportes pautada em princípios pedagógicos, na qual o processo seja estabelecido em função do **sujeito que joga**, respeitando suas motivações intrínsecas e características singulares, no comprometimento com o ensinar e com a sua transformação, promovendo o desenvolvimento de sua autonomia, criticidade e compreensão do fazer.

Garganta (1995) e Graça (1995) trazem em seus estudos o jogo e o indivíduo que joga, sendo o jogo formativo por excelência quando, dependendo da metodologia, induz o desenvolvimento da **cooperação e da inteligência**, as quais são referenciais para uma cultura esportiva, articulando os aspectos fundamentais dos jogos à natureza aberta das habilidades, reguladas pelos constrangimentos surgidos na interação com os fatores exteriores. De fato, essas abordagens citadas acima caminham para a superação de um tecnicismo que fragmenta as etapas de aprendizagem, descontextualizado do jogo, ordenado por uma seqüência lógica, mas rígida, que acaba por promover um reducionismo da capacidade humana de criação, elaboração e ressignificação. Todas essas metodologias vêm ganhando espaço, embora ainda de forma tímida, no cenário dos esportes coletivos, pois busca romper com uma ideologia pragmática e imediatista.

Apesar das diferenças entre suas formulações, Paes (2001), Balbino (2005), Scaglia (1999, 2003) e Freire (2003) se pautam em uma perspectiva interacionista⁷, na teoria dos sistemas complexos⁸, e o jogo enquanto fenômeno maior, sendo o ensino orientado para compreensão dos jogos coletivos. Garganta (1995) parte da teoria dos sistemas complexos e de uma compreensão fenômeno-estrutural (dinâmica-funcionalidade) dos jogos coletivos, integrando especificidade técnica e tática. Se o conceito de cooperação já se faz presente em algumas abordagens metodológicas, tais como as descritas brevemente acima, então parece bastante legítima a proposição de apresentarmos os Jogos Cooperativos como possibilidade para o trabalho pedagógico com categorias de base de futsal, ressaltando que o fundamental é iniciar o processo de ensino dos esportes pela lógica da cooperação e caminhar no sentido de dialogar com as demais propostas.

⁷ Os estudos de Lev Vygotsky (1896-1934) postulam uma dialética das interações com o outro e com o meio, como desencadeador do desenvolvimento sócio-cognitivo. Para Vygotsky e seus colaboradores, o desenvolvimento é impulsionado pela linguagem. Eles acreditam que a estrutura dos estágios descrita por Piaget seja correta, porém diferem na concepção de sua dinâmica evolutiva. Enquanto Piaget defende que a estruturação do organismo precede o desenvolvimento, para Vygotsky é o próprio processo de aprendizagem que gera e promove o desenvolvimento das estruturas mentais superiores.

⁸ Um sistema é dito ser um sistema complexo quando suas propriedades não são uma consequência natural de seus elementos constituintes vistos isoladamente. As propriedades emergentes de um sistema complexo decorrem em grande parte da relação não-linearentre as partes. Costuma-se dizer de um sistema complexo que o *todo é mais que a soma das partes*. Exemplos de sistemas complexos incluem sistemas sociais (redes sociais), biológicos (colônias de animais) e físicos (clima). Áreas intimamente relacionadas a sistemas complexos são a teoria do caos e sistemas multiagentes, e um embasamento teórico e filosófico para estes sistemas é encontrado no estudo da complexidade

2.2. Os Jogos Cooperativos

Os Jogos Cooperativos não são nenhuma grande novidade, pois, como destaca Terry Orlick (1994 p.13), “começaram a milhares de anos atrás, quando membros das comunidades tribais se uniram para celebrar a vida”. Segundo Brotto (2001 p. 56),

alguns povos ancestrais, como os Inut (Alasca), Aborígenes (Austrália), Tasaday (África), Arapesh (nova Guiné), os índios norte americanos, brasileiros, entre outros, ainda praticam a vida cooperativamente através da dança, do jogo e outros rituais. Portanto, os Jogos Cooperativos, sempre existiram consciente ou inconscientemente.

Sua sistematização ocorreu a partir de vivências e experiências na década de 1950, nos Estados Unidos, através do trabalho pioneiro de Ted Lentz. Desde então, estudos e programas expandiram-se para muitos países, principalmente Canadá, Venezuela, Escócia e Austrália. Hoje, sabe-se de muitos professores que desenvolvem trabalhos com os Jogos Cooperativos de forma profunda e cada vez mais ampla. Segundo Terry Orlick (1994 p. 41),

a diferença principal entre Jogos Cooperativos e competitivos é que nos Jogos Cooperativos todo mundo coopera e todos ganham, pois tais jogos eliminam o medo e o sentimento de fracasso. Eles também reforçam a confiança em si mesmo, como uma pessoa digna e de valor.

A partir de 1980, iniciaram-se os primeiros passos para integrar os Jogos Cooperativos no Brasil, tendo como seu principal divulgador e sistematizador Fábio Otuzi Brotto. É com base no livro desse autor, *Jogos Cooperativos* (BROTTO, 2003) que fundamentei o planejamento de intervenção da presente pesquisa. Segundo a proposta de Carl Rogers (1972), Brotto identifica a **aprendizagem vivencial** como um tipo de aprendizagem que tem como especificidade ser "plena de sentido" e apresenta como características:

1. **Envolvimento pessoal** - a pessoa inclui-se no evento da aprendizagem tanto no aspecto afetivo quanto cognitivo;
2. **É auto-iniciada** - mesmo com estímulos externos, o senso de descoberta, de captar, de compreender, vem de dentro;
3. **É penetrante** - por suscitar modificação no comportamento, nas atitudes;

4. **É avaliada** pelo participante que sabe se a aprendizagem está indo ao encontro de suas necessidades;
5. **É verificada** pelo elemento de significação que traz ao participante. Significar é “a sua essência.”

Este processo de transformar a experiência em ação, normalmente não ocorre sozinho, e as pessoas envolvidas necessitam de um tempo de processamento para tirar conclusões e fazer associações com sua vida. Neste momento, o *Focalizador*⁹ tem papel fundamental, pois é através de sua mediação que o participante pode ir mais fundo em sua reflexão. Assim, de nada adianta aplicarmos as mais diversas metodologias de ensino do futsal se o participante não fizer uma avaliação e ressignificação de valores internos e perceber que boa parte de tudo que ele irá aplicar nas atividades na verdade já é de conhecimento dele.

Segundo Brotto (2003) os Jogos Cooperativos propõe um exercício de ampliação da visão sobre a realidade da vida refletida no jogo. Percebendo os diferentes estilos do jogo-vida é possível escolher com consciência o estilo mais adequado para cada momento. Nós jogamos de acordo com nosso jeito de ver-e-viver cada situação. Os Jogos Cooperativos trabalham primeiramente a essencialidade do ser, ou seja, primeiramente é necessário uma busca de valores internos que possam anunciar **quem sou eu**, em seguida, precisamos canalizar os estímulos internos e externos como, por exemplo, o medo (interno) e a orientação do técnico (externo) e fazer o **“con-tato”**¹⁰ **com quem você É**, logo, cada participante terá consciência do seu papel no coletivo e, assim, encontraremos **quem somos NÓS**.

Aparentemente as coisas parecem “confusas”, mas o chamado “con-tato” é trilhado por um caminho pautado nos Jogos Cooperativos. Resumidamente, Brotto (2003) destaca que o jogar para os Jogos Cooperativos constituiu fundamentalmente a oportunidade de encontrar:

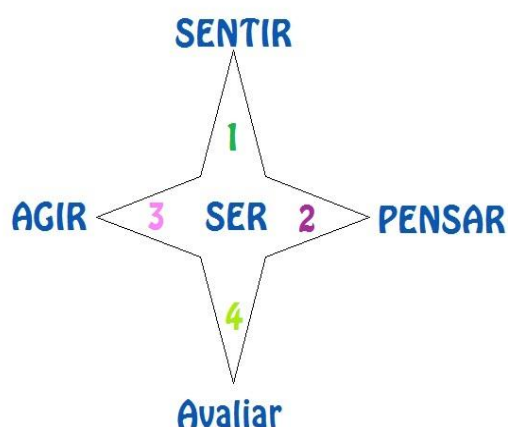
- Com a gente mesmo;
- Com os outros;
- Para encontrar quem somos NÓS;

⁹ Como *Focalizador* entenda-se professor.

¹⁰ Para Brotto, o “con-tato” é o caminho a ser trilhado pelos Jogos Cooperativos.

Dependendo do “jogo”, podemos aumentar ou diminuir a distância entre cada jogador, entre “EU e “ELE”. Segundo Sedeh (1968) *apud* Brotto (2003) o movimento de aproximação é denominado “processo associativo”, que pode se apresentar na forma de: cooperação, acomodação e assimilação. O movimento de distanciamento é chamado “processo dissociativo”, que, por sua vez, manifesta-se como: competição e conflito. Contudo, o leitor pode estar se perguntando: mas como garantiríamos os fundamentos técnicos, táticos, a complexidade do jogo trabalhando apenas com esses Jogos Cooperativos?

O que pretendo com esse estudo é anunciar que esses valores do coletivo, da cooperação, dessa necessidade de cada envolvido resgatar o sentido de ser e estar, é essencial para entendermos a complexidade do jogo e ai optarmos por estar ou não presente no mesmo. Assim, apresento aqui quatro eixos fundamentais, e que não estão separados, como fatores decisivos para aqueles que estão submetidos ou submetem diversos praticantes em ambientes de ensino dos esportes, no caso, o futsal. Para isso segue abaixo um esquema que elaborei para melhor explicar a metodologia que utilizei durante as intervenções:



Com base no esquema apresentado acima, irei explicar, dentro das minhas possibilidades, a dimensão desse **ser** que joga. O ser de que trato nesse trabalho é um ser historicamente construído e moldado pelas diversas culturas, relações sociais e interesses individuais. Assim, durante as aulas, precisamos desenvolver atividades que auxiliem no processo de sentir o papel de jogador, daquele que se coloca na condição de querer jogar e resgatar valores humanos, que ele possa olhar para si e para o próximo como alguém que também está procurando experiências e sensações semelhantes.

No segundo momento, é preciso estar num processo contínuo de envolvimento com o jogo no qual o pensar torna-se fundamental, pois é a partir desses pensamentos que irei fazer minhas opções e ações durante uma aula, partida/jogo. Nesse sentido, defendo a integração entre todos os eixos apresentados na figura acima. Pensar sobre o sentir parece um processo que demanda certo tempo, mas posso afirmar que durante um jogo esse processo pode levar menos que alguns segundos e, muitas vezes, passam despercebidos por aqueles que estão na ação – por exemplo, no movimento expressando a decisão por um chute ao gol ou um passe.

Nesse contexto, é preciso destacar uma diferença básica entre essa proposta de ensino e a metodologia defendida por Greco (2006). Ao retomarmos as palavras desse autor, percebermos que ele associa o **como fazer com aspectos cognitivos e o saber fazer com aspectos motores**. Destacando a palavra **FAZER**, percebe-se que o referido autor prioriza a forma e não a intencionalidade de quem a executa. Ao priorizar a forma, ele está focalizando a condição do certo e do errado na gestualidade técnica, conseqüentemente, o erro torna-se uma possibilidade durante a ação, mas esse erro gera naqueles que estão submetidos ao treinamento um bloqueio na ação. Assim, ao bloquear a criatividade, improvisação, ação pela descoberta do novo, acabamos por limitar o sentir do próprio ser. O sentir, nesse caso, é colocar atenção em si, percebendo seus valores e condições de estar nesse jogo. O pensar é estar no plano das imagens, idéias, movido pelo sentir nas possibilidades de ação durante o jogo.

Dessa forma, afirmo que durante minhas intervenções trabalhei fundamentalmente com as intencionalidades, ou melhor, desenvolvi atividades, dinâmicas que puderam ser sentidas das mais diversas formas por cada um que integrava o grupo pesquisado.

O terceiro eixo é o agir. Aqui destaco elementos importantes e fundamentais para o sentido dessa pesquisa. É fundamental em quaisquer situações de treinamento desenvolver situações desafiadoras, conflituosas, motivadoras que possam entrelaçar os envolvidos na busca de superações de limites, pautados sempre na coletividade. O agir é expressar um acúmulo momentâneo ou não de sentimentos, estados, de tudo que anteriormente foi feito, ou seja, o sentir e pensar. Assim, destaco a importância do mediador/professor de trabalhar com as mais diversas intencionalidades de quem joga e não somente com o movimento técnico e sua forma. Não precisamos reforçar um erro de passe ou chute ao gol, pois o próprio aluno/atleta que executou tal movimento já percebeu que não obteve êxito na ação. Podemos, neste caso, criar outro espaço e tempo para a realização de uma tarefa semelhante, mas jamais igual àquela que passou. Precisamos desenvolver atividades que

busquem essa complexidade de jogo associando valores humanos na vida de quem o pratica.

O quarto eixo aqui é Avaliar. Nesse aspecto o importante é tirar valores daquilo que experimentamos, ou seja, o que aprendemos ou precisamos estar mais atentos nas atividades propostas. O que precisamos aprimorar para um melhor entendimento e percepção de cada eixo, qual o significado dessas atividades, quais valores. Certamente esse tópico abriu outras lacunas a serem pesquisadas. Um dos meus objetivos, no futuro, é aprofundar os estudos nessa nova perspectiva de ensino dos esportes coletivos.

Após essa discussão teórico-metodológica, destaco as partes que encontraremos a seguir:

1. **Descrição do campo de intervenção** – Nesse tópico descrevo com maiores detalhes o local escolhido para a realização da pesquisa-ação, qual a relação entre o pesquisador e os participantes, assim como critérios de escolhas da categoria em estudo;
2. **Análise da intervenção** – Com base nos registros de observações das aulas de intervenção indicarei unidades significativas¹¹ e analisarei se a proposta dos Jogos Cooperativos auxiliaram na construção desse ser que joga.
3. **Considerações Finais** – Concluo a pesquisa nas perspectivas oficiais de entrega do trabalho de conclusão de curso, mas acreditando que de certa forma a continuidade das reflexões desse estudo abrirá novas possibilidades de pesquisa e intervenção.

¹¹ Unidades Significativas é o termo mais próximo de uma perspectiva fenomenológica para substituir o termo análise dos dados, categorização (categorias).

3. DESCRIÇÃO DO CAMPO

3.1. A escola e a escolinha

Cada vez menos encontramos espaços públicos que possam assegurar momentos de prazer, segurança para as práticas esportivas, movimentos culturais, manifestações, entre tantas outras atividades. Esse fator se deve ao descaso público e principalmente ao avanço e crescimento imobiliário das grandes cidades. As escolas procuram oferecer atividades extracurriculares para seus educandos pelos mais diversos motivos. Um deles provavelmente se deve ao fato de que, para grande parte dos pais, a possibilidade de seu filho(a) ficar um pouco mais de tempo na escola envolvido(a) com alguma atividade o favorece quando o assunto é o chamado “tempo” entre o término de seu expediente e o deslocamento até a escola. Sendo assim, uma parte dos professores de Educação Física que trabalham em escolas particulares de Florianópolis desenvolve escolinhas esportivas utilizando-se do espaço físico da escola, assim como dos materiais já disponibilizados para aula de Educação Física. Essas escolinhas dificilmente teriam como dar errado: o público estava ocioso no pátio, o futebol uma paixão e febre nacional, o professor de educação física uma grande referência para os pais e alunos da escola.

A escolinha de futsal na qual desenvolvi este trabalho está alocada nas dependências de uma tradicional escola católica do centro de Florianópolis, com 60 anos de existência e cerca de um mil e cem alunos. Em sua maioria, os alunos matriculados na escolinha de futsal são alunos da referida escola, mas existem casos em que os professores aceitam alunos de outras escolas desde que preencham os requisitos pré-estabelecidos pelos professores. Requisitos esses como: de onde esse aluno vem? Por que veio? Qual a relação entre o aluno e o professor ou aluno e outros alunos? Sendo assim, as portas da escolinha ficam abertas apenas para alunos da escola, salvo os casos analisados pelos professores. A escolinha de futsal está organizada por categorias, sendo a o Sub 05 (crianças da educação infantil) e a última categoria o Sub 17 (jovens do ensino médio).

Os mantenedores da escolinha são os pais do alunos, tendo em vista o valor cobrado em mensalidade (R\$ 60,00 ao mês com duas aulas por semana). Em relação ao número de matriculados, atualmente estamos com cerca de 115 praticantes da modalidade futsal. A estrutura física conta com dois ginásios, bolas de primeira qualidade de diferentes tamanhos, cones, colchões, bambolês, cordas, coletes das mais diversas cores entre outros materiais. No ano de 2007 iniciei meu trabalho junto à escolinha na qual desempenhava a função de observador e árbitro. A partir do ano seguinte, passei a ministrar aulas e ocupo a função de professor desde então. Atualmente somos três professores, todos formandos pela Universidade Federal de Santa Catarina.

A escolinha de futsal não apresenta como proposta a formação de atletas e sim uma vivência esportiva que possa proporcionar aos alunos a oportunidade de praticar uma modalidade esportiva na qual o objetivo final é a formação do aluno como um todo. A partir dessa proposta de formação de um ser indissociável de desejos, condições físicas, mentais, sociais é que formamos um ser com interesse pelo jogar. Assim, a legitimidade dessa escolinha dá-se pelo reconhecimento no contexto social no qual está inserida, e pelo comprometimento mais com a formação do que com o desempenho esportiva.

A escolinha desenvolve um projeto em paralelo que ocorre desde 1996, quando o professor responsável por ela, que é também professor de Educação Física da referida escola, iniciou um projeto de intercâmbio esportivo na Itália e, desde então, alguns projetos nessa vem sendo realizados. No ano de 2009 viajei com a categoria Sub 10 para o estado da Flórida, nos Estados Unidos, onde acabamos conquistando o título da *Venice Cup* de futsal. Nos últimos dois anos trabalhei nos Estados Unidos oferecendo clínicas de futsal na região da Flórida e trabalhei com auxiliar técnico de equipes de São Paulo em países como Espanha, Holanda, Suécia, Finlândia e Dinamarca. O projeto hoje conta com a participação de escolas renomadas de Florianópolis e com a participação de vários professores de Educação Física. A escolinha de futsal estabelece critérios e trabalhos específicos para cada categoria, ou seja, os iniciantes na modalidade recebem um planejamento cuidadoso respeitando a idade, individualidade, desejos, aspirações, entre outros.

Na iniciação, os grupos ficam divididos por idade, logo o grupo cria uma pré-identidade uma vez que boa parte dos alunos estuda no mesmo horário e sala. Apesar disso, por volta de treze anos os garotos passam a ser nivelados e formar grupos diferenciados. Esse nivelamento acontece na medida em que os professores destacam e apontam algumas evoluções peculiares e coletivas dos envolvidos, ou seja, quando, por exemplo, um garoto de doze anos que entende a complexidade do jogo, seu dinamismo, papéis dos envolvidos etc., pode integrar outro nível de intervenção. A complexidade do jogo

nos apresenta pontos problematizáveis e que necessitam certo entendimento e envolvimento por parte de quem está praticando a modalidade. Sendo assim, nosso projeto apresenta dois pontos importantes: i) segundo Freire (1996) não poderíamos iniciar as atividades esportivas antes dos 7 anos de idade, pois tal especialização seria precoce para o desenvolvimento da criança; ii) O aspecto físico-biológico, refere-se ao fato de que garotos de 12 a 17 anos estão em fases de crescimento completamente diferente, ou seja: como podemos formar um grupo a partir dessas características? Para responder a primeira questão é necessário resgatar um pouco da minha função como professor de educação física na educação infantil. A questão ao trabalhar com crianças de 4 e 5 anos é desenvolver o futsal a partir das possibilidades dessa criança que joga dentro das suas fantasias e desejos. Durante as aulas de futsal, todos jogam em todas as equipes, o gol é comemorado por todos e o lateral realizado com as mãos e as regras rígidas do futsal são transgredidas constantemente. Precisamos criar um ambiente propício para a experimentação do futsal com novos olhares.

Para responder à segunda questão, faço um questionamento: como podemos manter um jogador como Neymar ou Messi nas suas categorias se eles, no processo de formação, estiverem aptos a ingressarem em níveis diferentes? O que procuramos fazer é adaptar esses garotos ao ambiente e enfatizar os valores dos Jogos Cooperativos, facilitando esse processo de quem está ingressando em uma categoria nova.

As quadras nas quais as aulas d escolinha acontecem não estão nos parâmetros oficiais e são poliesportivas. Um dos ginásios conta com uma pequena arquibancada e ambos possuem uma sala de material. Em relação às principais atividades esportivas que participamos, destaco: competições internacionais, jogos escolares metropolitanos, jogos escolares católicos, jogos do SESC, campeonatos em outras cidades, triangulares entre escolas parceiras e amistosos com alguns clubes ou escolas. É importante destacar que a escolinha de futsal está com mais de quinze anos de existência e que durante esse período conquistou reconhecimento daqueles que estão envolvidos com a modalidade futsal na cidade.

Para uma melhor compreensão da distribuição dos horários e dias de funcionamento da escolinha, elaborei o seguinte quadro:

Terça Feira	Quinta Feira	Sábado
*Início 18 horas (Sub 05) *Término 19 horas	*Início 18 horas (Sub07, 09) *Término 19 horas	*Início 08 horas (Sub05) *Término 09 h e 30 min.
*Início 19 horas (Sub 11) *Término 20 h e 15 min.	*Início 19 horas (Sub11) *Término 20 h e 15 min.	*Início 09 h e 30 min. (Sub07, 09) *Término 11 horas
*Início 20 h e 15 min. (Sub 13, 15 e 17) *Término 21 h e 45 min.	*Início 20 h e 15 min. (Sub 13, 15 e 17) *Término 21 h e 45 min.	

3.2 Um pouco sobre os professores

Como dito acima, além de mim, são dois os professores que atuam na escolinha. Um deles será nomeado aqui pelo carinhoso nome de Zé Coméia e o outro Zé Canhota. O Zé Coméia recentemente apresentou seu trabalho de conclusão de curso e estará formado em março de 2012. Juntos, participamos de grupos de estudos, viagens para congressos científicos e disputamos espaços políticos como Eleições para o Centro Acadêmico, além de realizamos estágio curricular juntos. Zé Coméia e eu acabamos estabelecendo uma parceria sólida e, com passes refinados, íamos distribuindo o jogo conforme achávamos necessário. Durante minha graduação encontrei na família do Zé Coméia uma segunda família, uma vez que meus pais moram em outra cidade e, como muitos jovens de tantas cidades do nosso estado, precisei sair de casa para tentar a vida na chamada “cidade grande”. Com Zé Coméia na defensiva e deixando a bola redonda nos meus pés, acabamos ingressando na referida escolinha no ano de 2008, momento em que fomos ganhando espaço e confiança das crianças, adolescentes, jovens, pais, direção e professores da escola. Hoje não temos dúvida que somos reconhecidos pelo trabalho sério, comprometido e pensamos na transformação de um modelo tradicional que as muitas escolinhas de esporte apresentam.

O Zé Canhota tem a canhotinha cega e quando o gol está vazio a bola insiste em bater na trave e sair. Meu velho treinador (Peixe) já dizia: *“Canhoto ou é muito bom de bola ou não é, não existe meio termo”*. O Zé Canhota está a dois meses trabalhando na

escolinha e já conquistou seu espaço. A típica tradição futebolística e mística recheada de magia e mistério jamais fundamentado nas mais diversas teorias, que afirma que apenas um ex-jogador deveria exercer a função de técnico ou professor não prevalece no cenário dessa escolinha. Mentira! Eu posso dizer que joguei muito (todos os dias até que a noite chegasse), nas mais diversas traves marquei vários gols, seja a favor ou contra. Nos times de várzea brilhávamos e com as nossas chuteiras Strike (preta com listras amarelas) sonhávamos em sermos jogadores profissionais. O Zé Canhota hoje está na sexta fase do Curso de Bacharelado em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina e reconhece que as disciplinas ligadas às teorias da educação, didática, faltam no currículo do referido curso que ele está sendo formado.

A escolinha está dividida em níveis, sendo o primeiro o nível I (sub 05), e o último o nível V (sub 11). Há ainda a divisão entre grupo intermediário e avançado, ou seja, a partir dos treze anos dependendo das condições de cada ser eles passam a fazer parte de um grupo avançado ou intermediário. Poderia aqui dizer que o Zé Coméia trabalha na visão mais próxima da proposta anteriormente referida, e tem Greco como seu principal divulgador, pautando suas atividades em desenvolvimentos motores, mas sempre que possível faz dinâmicas de cooperação. O Zé Canhota auxilia na medida em que as demandas com as diferentes categorias vão surgindo. O Zé Coméia hoje está à frente dos seguintes níveis: II, IV, Intermediário. Os demais níveis (I, III, V e avançado) estão sob a minha responsabilidade.

3.3. Um pouco sobre o Sub 17

Hoje desconheço qualquer outra escolinha de futsal em Florianópolis que tenha uma categoria Sub 17 treinando duas vezes por semana. O que encontro normalmente são garotos e professores que organizam equipes da noite para o dia para participarem de campeonatos ou jogos amistosos. Acredito que essa categoria precisa de um planejamento específico, uma vez que se trata de uma idade na qual os garotos estão em ano de vestibular, começam os namoros, festas, passam a ter uma noção clara dos problemas enfrentados na família, seja afetivo ou financeiro e tantas outras coisas. Estou a mais de um ano sem executar trabalho específico de fundamentos técnicos ou físicos. Hoje aposto no trabalho centralizado no jogo, no qual as situações brotam das necessidades, sejam elas individuais ou coletivas. Como professor, entrego a função deliberativa de intervenção a TODOS aqueles envolvidos no treino. A escolha por essa categoria se deu por diversos motivos:

- Viagens para países como Espanha, Suécia, Finlândia e participação de torneios nesses respectivos países com aproximadamente 50% do grupo do sub 17.

- Relação afetiva e proximidade com idade e forma de pensar. Confesso que minha relação é próxima o suficiente para me declarar um amigo-professor, ou seja, muitos desses garotos contam os problemas que enfrentam na escola, na vida familiar e muitas vezes buscam um conselho, história de vida enfim, um apoio que possa ser dado numa relação de confiança.
- A questão técnica, pois acredito que a partir de certa idade o trabalho específico técnico preenche apenas um espaço no planejamento devido à falta de criatividade e coragem de mudarmos aquilo que está imposto como verdade. Ou seja, trabalhar passe um de frente para o outro com 200 repetições não irá aperfeiçoar o passe, e sim descontextualizá-lo do jogo, evitando assim um avanço.

Meu objetivo nessa descrição de campo foi situar o leitor do espaço físico que desenvolvi o referido estudo, as pessoas envolvidas, eventos que participamos, e motivos pelo qual optei pelo grupo da categoria sub 17.

4. PLANEJAMENTO DAS INTERVENÇÕES

No decorrer desse estudo, apresentamos diferentes metodologias do ensino do futsal, mas é nos Jogos Cooperativos que nossa intervenção está centrada. Afirimo “nossa intervenção” porque centralizo o poder de modificar toda e qualquer atividade proposta a qualquer pessoa envolvida diretamente nas aulas, ou seja, toda relação de ensino-aprendizagem está aberta a avaliações, propostas de alterações, entre tantas outras mediações. Apresento uma proposta pautada na intervenção em um conjunto de 8 aulas, cujo objetivo geral foi **identificar com base nos relatos dos envolvidos se existe outro olhar humanizado, repleto de carinho e respeito pelo próximo promovidos pelas atividades e construção de um ambiente propício para a prática esportiva cooperativa.**

Essas aulas tiveram a duração de uma hora e quarenta e cinco minutos cada, distribuídas em dois dias da semana. Como forma de registro, utilizou o diário de campo. Nesse diário fiz registros dos momentos marcantes das aulas, pensamentos, fatos, sentimentos, impressões. Esse diário estava em todas as intervenções sobre uma mesa escolar com uma cadeira para conforto de quem registrava e uma xícara de barro com flores da fortuna¹² para servir como uma das fontes inspiradoras de quem estava refletindo. Essa mesma flor foi utilizada em uma dinâmica muito interessante e especial que aprendi durante minhas observações das aulas de futsal do Professor Paulo Ricardo do Canto Capela. A cada semana o grupo escolhia uma pessoa que deveria começar a aula lendo uma crônica do livro *Futebol ao Sol e à Sombra*, de Eduardo Galeano¹³ e, ao término da aula, deveria levar a flor para casa com o objetivo de florir aquele ambiente, cuidando com muito carinho para que ela fosse passada para o próximo. Essa dinâmica das flores somada à leitura da crônica certamente não são atividades que encontramos nos ambientes de ensino dos esportes. O principal objetivo da presença de uma flor na aula é dar sentido ao cuidado que

¹² A flor-da-fortuna (*Kalanchoe blossfeldiana*) pertence à família das crassuláceas, originária da África. Possui folhas suculentas sendo resistente ao calor e a pouca água.

¹³ Galeano nasceu em 3 de setembro de 1940 em Montevideu em uma família católica de classe média de ascendência europeia. Na infância, Galeano tinha o sonho de se tornar um jogador de futebol; esse desejo é retratado em algumas de suas obras, como *O futebol de sol a sombra* (1995)

TODOS nós precisávamos ter, uma vez que se tratava de uma vida e que a responsabilidade pela sua continuidade era coletiva. O romantismo com o qual Eduardo Galeano escreve suas crônicas envolve e convida o ouvinte e leitor a uma viagem por valores, momentos marcantes na história do futebol. Nesse sentido, o objetivo central era preparar este sentir que apresentei na proposta baseada nos Jogos Cooperativos, em cada participante desse estudo, inclusive daquele que escreve esse trabalho.

Em um primeiro momento confesso que cheguei a imaginar dois principais problemas nesses procedimentos. O primeiro é o fato do ato de escrever, registrar no papel o plano das idéias, algo que geralmente causa resistências, especialmente no ambiente escolar (“escrever na Educação Física ou n escolinha?!”). Apesar disso, o desafio do registro por parte dos envolvidos nessa pesquisa foi superado, uma vez que não encontramos resistência alguma para com ele. Acredito na intencionalidade de todos envolvidos nessa pesquisa e apresento em seguida todas as aulas com as observações. Nessas observações apresento a crônica escolhida pelo grupo para posterior leitura, o número de presentes na aula, o registro do pesquisador participante e os relatos dos alunos. Não tenho como pretensão categorizar momentos marcantes das falas e apresentar esses dados. Minha opção foi destacar em negrito momentos que julguei importantes e que estabelecem uma relação com a proposta de intervenção baseada nos Jogos Cooperativos, para, em seguida, apresentar a análise da intervenção a partir daquilo que chamei de unidades significativas.

É importante destacar que todas as aulas estabeleciam uma relação com objetivo apresentado anteriormente. Outra questão de minha preocupação inicial foi a dinâmica proposta ao coletivo sobre o cuidado com a flor. De fato, essa atividade gerou certa desconfiança em alguns, mas não a julgaram de todo mal. Depois de uma semana, todos – e reafirmo todos – queriam levar as flores para casa. Voltando a questão do diário de campo, saliento que em momento algum forcei ou pedi para que os alunos escrevessem algo ou deixassem mensagem positivas ou laudatórias em relação que estava desenvolvendo. Esse diário esteve aberto para todo e qualquer tipo de registro, sendo avaliado a cada término de aula, passando por um processo de reflexão-ação na perspectiva de aperfeiçoar possíveis problemas elencados pelos envolvidos no estudo.

As aulas seguiram com uma proposta de quatro atividades com duração relativa ao interesse e necessidade de execução das mesmas. Essas relações entre tempo de duração de cada atividade e a obrigatoriedade da execução de todas as atividades passaram por um processo de reflexão, ao qual se chegou à seguinte conclusão: as atividades propostas seguem uma lógica que propicia ao participante uma experiência que poderá acarretar a ressignificação de alguns valores, mas o fato é que a proposta é fazer um “se-

movimentar”¹⁴, onde o ato não é somente físico, biológico, mas sim uma indissociabilidade entre mente e corpo. Assim, cada participante da pesquisa esteve envolvido em níveis de atenção e participação em diferentes propostas. Isso se deve ao fato de como eles são sensibilizados, tocados e movidos para entrarem nessa chamada viagem. Por fim, destaco o fato de que, como educador, estarei sempre na condição de quem tem algo a ensinar, mas muito a aprender. Segundo Freire (1980), não existe docência sem discência. Em todas as intervenções, independente da idade dos educandos, é importante considerarmos todos os acúmulos de experiências vividas pelos nossos alunos. O contexto escolar, familiar, relação entre amigos, conhecimentos provindos da mídia, enfim, tudo que eles acabam levando para uma aula de futsal possui relevância. Então, chega o momento de nos colocarmos como protagonistas nesse teatro e com o papel de professor canalizar esses sinais mútuos de conhecimentos pré-concebidos e ir desmistificando aquilo que temos como verdades incontestáveis no mundo futebolístico. A seguir, apresento nossa proposta de intervenção com um conjunto de 8 aulas. Em seguida, faço uma análise da intervenção e apresento as unidades significativas desse estudo.

4.1 AS AULAS

Aula 01 Data: 04/10

Atividade 01

- Funções administrativas (chamadas, informes, destaques da semana...)
- Leitura de uma crônica do Livro: Futebol à sombra e ao sol de Eduardo Galeano;

Atividade 02

- Futebol sem bola – Nessa atividade dividimos a turma em duas equipes onde o objetivo passa ser passar a bola imaginária entre os colegas da mesma equipe e marcar o gol. Como a outra equipe pega a bola? Fácil. A brincadeira funciona como um pega-pega e quem está com a posse de bola deve passá-la antes que seja pego. As traves são feitas de cones que estão distribuídos ao fundo da quadra, próximo a linha de fundo. Quando determinada equipe ultrapassa esses cones sem ser pegos

¹⁴ na concepção do “se-movimentar”, trazida por Hildebrandt-Stramann (2001), Trebels (1992), Kunz (1991), a base teórica para uma proposição destinada à ação em práticas educativas da Educação Física escolar, pretendendo ressignificar, a partir dessa forma de tratar o movimento humano, o ensinar e o aprender em Educação Física. Assim, um trabalho direcionado à elaboração teórico-prática de uma ação didático-metodológica visando à emancipação humana, não deixa de ter seu rigor metodológico, mas parte do princípio de que a curiosidade deve criticizar-se se tornando uma curiosidade epistemológica

ela marca um ponto. Importante o jogo deve ser realizado no máximo silêncio cabendo apenas a quem estiver com a “bola” chamar um colega para o passe.

Atividade 03

- O jogo – Essa atividade apresenta situações especiais de jogo e procuro a resposta através do olhar de quem está jogando, ou seja, apresento a desvantagem numérica para uma equipe e estabeleço o placar favorável à equipe com vantagem numérica, logo estabelecemos um tempo e apresentamos um desafio de superar o problema apresentado a partir da resposta coletiva. Como um dos objetivos apresentados ao grupo o mesmo tem um tempo médio de um minuto para sua organização e execução das idéias. Assim, verifico se a equipe com vantagem de fato faz valer sua vantagem e o que move a equipe com desvantagem a buscar um placar favorável.

Atividade 04

- Avaliação coletiva da aula e propostas pautadas da necessidade de coletivo visando à cooperação e o jogar;

Observações

1. Crônica escolhida – O Jogador. Presentes na aula: 13 alunos.

Pesquisador Participante – Durante a leitura da crônica um dos alunos ficou visivelmente emocionado, sensibilizado com a crônica sobre o jogador. Esse aluno é destaque no cenário futebolístico na cidade de Florianópolis e seu principal sonho atualmente é tornar-se jogador profissional de futebol. Nessa mesma aula apresentei a proposta de cuidarmos coletivamente de uma flor que está dentro de uma xícara de barro. A dinâmica foi explicada para o grupo e o mesmo concordou. Cada aluno deverá ler uma crônica para o grupo e levar essas flores para casa tratando-a com muito carinho para que ela não morra e o processo se repita nas demais semanas. A atividade 02 foi elencada como simples de entendimento, mas de complexa ação uma vez que demandava uma nova reconfiguração de posicionamento e qualidades específicas de cada jogador, ou seja, aqueles que driblam com maior facilidade ou aqueles que marcam muito bem deveriam exercer ambos os papéis, mas com determinada importância para algo específico. **Na atividade com vantagem e desvantagem numérica ficou evidente a necessidade de uma reflexão coletiva para adotar uma nova postura tática de acordo com a intencionalidade do jogo.** Um total de 14 presentes na aula. **Mesmo machucado um garoto foi até a escolinha para participar da aula.**

Relato dos alunos.

*“A importância que destaco nos nossos treinos é a amizade, com essa qualidade do grupo ficamos mais fortes. Faço escolinha desde a primeira série e **nunca tive um grupo tão unido e um treinador tão aberto**”*

“Atividade dois melhorou o jeito como tocar a bola. Uma atividade que a cima de tudo vale a frieza e a criatividade do jogador”

“Quando eu cheguei aqui ninguém falava comigo mais com o tempo eu fui me soltando, os treinos são bons me dou bem com o grupo e só tenho a agradecer pela oportunidade”

*“Dos dez anos que faço futsal aqui, acho que nunca tinha encontrado u grupo eu durou tanto tempo. Desde 2008 as pessoas são quase as mesmas, uns entram outros saem, porém o conjunto sempre continuou unido e com suas descontrações. Uma coisa que fez união desse grupo foi à amizade que criamos com o Tiago e **a liberdade que nos dava para opinar e perguntar o que era certo e o que era errado**”*

Aula 02 Data: 06/10

Atividade 01

- Funções administrativas (chamadas, informes, destaques da semana...)
- Leitura de uma crônica do Livro: Futebol à sombra e ao sol de Eduardo Galeano;

Atividade 02

- Corrida das Perguntas – Nessa atividade escolhemos dois pegadores. Contudo aqueles que forem pegos devem permanecer de braços abertos e para serem “salvos” devem receber um abraço seguido de algumas perguntas como: Tudo bem? Como foi seu dia? Você está precisando de alguma ajuda? Nesse momento o pegador deve correr na direção dos amigos que conversam e evitar que terminem o bate-papo.

Atividade 03

- As bolas – A proposta é iniciar um jogo com duas bolas de cores diferentes. Cada equipe passará a defender uma bola e atacar com outra. Assim, desenvolvemos a coletividade e uma nova organização de cada equipe. Nesse momento a importância do atacar se equivale a do defender;

Atividade 04

- Avaliação coletiva da aula e propostas pautadas da necessidade de coletivo visando à cooperação e o jogar;

Observações

1. Crônica escolhida – O Goleiro. Presentes na aula 15 alunos.

Pesquisador Participante – Nesse dia aconteceu o falecimento de uma familiar de um dos professores da escolinha. Como propostas de atividade levaram lápis de cor e folhas para desenho e desenhamos e escrevemos mensagens de apoio. Além disso, fizemos uma breve reflexão sobre amizade. A atividade 02 ficou marcante os momentos de alegria e descontração do grupo uma vez que num curto espaço de tempo acabaram descobrindo fatos importantes que marcaram a vida de cada um. Fatos “esses como: prova na escola desejo de ficar ou namorar determinada menina, problemas com os familiares entre outros”. Falar aquilo que sentimos não é das tarefas mais fáceis. Imagine escrever. Mesmo assim o ato de escrever tem sua importância, pois materializam no papel nossas principais idéias. Contudo destaco que os relatos dos sujeitos dessa pesquisa estão na íntegra digitalizados aqui.

Relato dos alunos.

*“Pela primeira vez faltei à escolinha no ano porque estava viajando com a turma e acabei chegando atrasado, mas **estou aqui para acompanhar os treinos e refletir sobre as atividades**”*

*“Para um time de futebol dar certo é preciso muita união muito esforço, muita amizade e compreensão entre os atletas e os treinadores. Essa é **uma vantagem que encontramos aqui no Sub17 do EIC, a união entre todos é um ponto forte do nosso grupo.** Precisamos manter essa união para que possamos junto ao professor Tiago conquistarmos nossos objetivos e demonstrar sempre em quadra esse futebol alegre.”*

*“Acredito que os treinos com o Professor Tiago são muito importantes porque **nos traz diversas visões do futebol como jogar por prazer e não apenas o dever de ganhar.** Os treinamentos são bem elaborados, pois une muitos fatores que fazem nós querermos cada vez mais treinar e estar com esse grupo reunido”*

Aula 03 Data: 11/10

Atividade 01

- Funções administrativas (chamadas, informes, destaques da semana...)
- Leitura de uma crônica do Livro: Futebol à sombra e ao sol de Eduardo Galeano;

Atividade 02

- Free Style – O jogar descomprometido com o tempo, regras e posições. Aqui valorizamos o DRIBLE a plástica a condução o tempo que a bola fica no pé pode ser de segundos, mas a mágica, plástica pode ser eternizada. Nessa brincadeira entram todos os envolvidos na aula.

Atividade 03

- O olhar da equipe que joga COM – Jogar com outra equipe nos apresenta inúmeros pontos que passaríamos horas discutindo, mas essa proposta visa minimizar as dificuldades e potencializar a coletividade a partir da visão da outra equipe, ou seja, uma equipe irá ajudar a outra na superação de problemas apresentando soluções conjuntas;

Atividade 04

- Avaliação coletiva da aula e propostas pautadas da necessidade de coletivo visando à cooperação e o jogar;

Observações

1. Crônica escolhida – O Teatro. Presentes na aula: 15 alunos.

Pesquisador Participante – No final de semana dos dias 08 e 09 de outubro participamos de um Campeonato de Futsal no município de Garopaba. Porém uma situação nova surgiu: a equipe de Garopaba pediu para que nós nos dividíssemos em duas equipes da categoria Sub17 para que pudéssemos aumentar o número de jogos. Quando estávamos no vestiário com a equipe apresentei a proposta para o coletivo que prontamente recusaram-se pela divisão. Confesso que fiquei muito satisfeito pela decisão uma vez que treinamos juntos e fomos para um campeonato para jogar com outra equipe. Na aula seguinte **completamos um ano de invencibilidade.**

Relato dos Alunos.

“Estou gostando muito das aulas porque aqui se ensina jogar futsal. Nas outras escolinhas não sabia nem rodar (rodízio). As aulas são muito boas, pois meus colegas são bem extrovertidos e pretendo não sair daqui. Eu acho que não tem que melhorar em nada”

“Eu acho que o grupo é muito unido e que o jogo não importa quem ganha. Somos todos amigos e o clima entre os atletas é legal. Os treinos são muito legais por isso que quando eu vim treinar aqui eu só treinei uma vez e eu vi que aqui o jogo é coletivo”

Aula 04 Data: 15/10

Atividade 01

- Funções administrativas (chamadas, informes, destaques da semana...)
- Leitura de uma crônica do Livro: Futebol à sombra e ao sol de Eduardo Galeano;

Atividade 02

- Jogo das quatro traves – Nessa atividade os alunos passam a defender um único gol que chamamos de fechados e tem como possibilidade de ataque outras três traves.

Atividade 03

- O interesse pelo jogo – Nessa atividade apresento a seguinte situação: As equipes estarão usando um colete que na frente apresenta cor amarela e atrás azul. Assim, durante a partida, os alunos poderão manifestar seus interesses e mudar de equipe segundo os critérios estabelecidos por cada um. Uma equipe, em determinado momento, poderá ter todos os jogadores na mesma equipe, ou seja, caberá a eles a opção por escolher os times.

Atividade 04

- Avaliação coletiva da aula e propostas pautadas da necessidade de coletivo visando à cooperação e o jogar;

Observações

1. Crônica escolhida – Gol de Atílio. Presentes na aula: 14 alunos.

Pesquisador Participante – Atividade 03 foi uma das mais criativas até o momento. Os jogadores mudaram de time de acordo com seu interesse, ou seja, cada um iniciava a partida em uma determinada equipe, mas fatores intrínsecos e extrínsecos ao jogo influenciavam a postura de cada participante.

Relato dos Alunos.

“Bem original e inteligente, pois faz que os jogadores utilizem os dois lados da melhor forma”

*“A atividade 03 é muito interessante, porque ela nos faz pensar rápido e oportunizar as diferentes situações do treino pensando em si. **O treinamento mais criativo que tive”***

*“A atividade 02 é muito interessante, pois nos faz pensar de um modo, que passamos defender e também atacar, tanto pela frente quanto por trás dos diferentes gols. **Já atividade 03 nos faz ter uma visão no jogo de que precisamos “pensar” em nós mesmos primeiros depois passamos a estar juntos com o time”***

“A atividade 02 e 03 são muito interessantes, pois trabalham ao mesmo tempo a habilidade a coordenação motora, as técnicas de defesa e o conjunto. A atividade 02 trabalha mais a habilidade e a 03 trabalha mais a visão de jogo, porém as duas são muito importantes e criativas”

*“A atividade criada pelo Professor Tiago com certeza é inovadora e original, **nos faz pensar de um modo diferente, além de ser muito divertida”***

Aula 05 Data: 18/10

Atividade 01

- Funções administrativas (chamadas, informes, destaques da semana...)
- Leitura de uma crônica do Livro: Futebol à sombra e ao sol de Eduardo Galeano;

Atividade 02

- Outros Problemas – Nessa atividade apresento condicionantes para execução de certos movimentos do futsal, ou seja, passe com perna não dominante, finalização ao gol apenas na troca de passes de números primos e ímpares ou problemas em

que a equipe vai conversando e resolvendo e ao mesmo tempo deve permanecer com a posse de bola;

Atividade 03

- O jogo e a função do árbitro – Apresentar uma proposta de jogo onde os praticantes exerçam a função de “árbitro-jogador” na relação de quem executa e recebem faltas;

Atividade 04

- Avaliação coletiva da aula e propostas pautadas da necessidade de coletivo visando à cooperação e o jogar;

Observações

1. Crônica escolhida – Didi e ela. Presentes na aula: 15 alunos.

Pesquisador Participante – Dia de convocação para os Jogos Escolares Metropolitanos. Critérios apresentados ao grupo e aprovado por todos. **Segundo um garoto que levou a Flor para casa esse ato deixou o pai dele um tanto quanto emocionado.** O pai desse garoto é militar aposentado e achou estranho o fato de seu filho chegar a casa com Flores, mas após um dia da flor ficar no quarto do filho esse militar **comprou rosas e presenteou sua esposa.** Após esse gesto o pai afirmou ao filho que fazia anos que não sabia o significado de admirar e presentear sua amada com flores e que entendia o verdadeiro significado dessa atividade. Pais e filhos juntos cuidaram das flores com muito carinho e a entregaram na semana seguinte.

Relato dos Alunos.

*“A relação entre o grupo está muito forte, estamos muito unidos a sensação que temos é que somos amigos há muito tempo, pois **não há desavenças entre nós e o trabalho ajuda mais ainda nesta amizade.** Brincadeiras, atividades que nos fazem pensar em grupo e discutir para chegar às soluções. A recepção do grupo é ótima embora eu já esteja aqui há muito tempo sinto isso quando outras pessoas chegam”.*

“Escrever o que estou pensando não é fácil, mas posso destacar que estou passando a jogar pensando nas minhas atitudes e olhando o outro em quadra de uma forma diferente da que eu tinha. Até mesmo a outra equipe passou a ter outro papel.”

Aula 06 Data: 20/10

Atividade 01

- Funções administrativas (chamadas, informes, destaques da semana...)
- Leitura de uma crônica do Livro: Futebol à sombra e ao sol de Eduardo Galeano;

Atividade 02

- Pique Bandeira – O tradicional pique bandeira sofre algumas variações nessa atividade. O objetivo é resgatar a bola que está dentro do gol da outra equipe e levá-la através de condução ou troca de passes. O caminho será facilitado por bambolês espalhados na quadra onde quem ataca não poderá ser pego caso esteja dentro do bambolê;

Atividade 03

- Jogos dos Sistemas – A idéia nessa atividade é apresentar os mais diversos sistemas táticos do futsal conhecidos previamente pelos alunos, ou seja, não almejo que todos conheçam com detalhes cada sistema tático, mas sim conheçam a importância da organização tática em prol da necessidade específica de cada equipe

Atividade 04

- Avaliação coletiva da aula e propostas pautadas da necessidade de coletivo visando à cooperação e o jogar;

Observações

1 – Crônica escolhida – A linguagem dos doutores do futebol. Presente na aula: 14 alunos.

Pesquisador Participante – Certamente essa foi uma das aulas que mais motivaram e impulsionaram minhas reflexões. Quando me deparei com o nível de registro dos alunos me dei por satisfeito pela conquista de alguns objetivos que venho trabalhando, mas prefiro relatar no texto final sobre minha análise de intervenção aquilo que venho construindo junto a esse grupo. Em relação ao posicionamento tático expliquei o fato histórico de que guerreiros sempre guardaram suas posições até que fossem chamados para cobrirem posições estratégicas que estavam sendo perdidas. Assim, precisamos guardar nossa

posição, mas precisamos estar atento a um chamado que nem sempre é anunciado pela voz da necessidade de nos deslocarmos até outro ponto da quadra, ou seja, é conhecendo a equipe como um todo e as mais diversas características que construímos uma base sólida.

Relato dos Alunos.

*“Faço escolinha de futsal desde os meus 06 anos e hoje estou com 17. Nesses 11 anos já se passaram muitos garotos, muitos times e vários professores. **Professores bem tradicionais do tipo de fazer apenas fundamentos e não dando a oportunidade de nos divertir jogando.** Há 04 anos esse padrão na escolinha vem mudando e jovens de 15, 16 e 17 anos vem “brincar” de pega-pega, pique bandeira e outras brincadeiras que quando eram crianças se divertiam, mas todas essas brincadeiras perceberam com o tempo que todas elas têm um objetivo, seja ele físico ou podemos dizer mental com momentos de jogo.*

*Muitos devem pensar “mas com essa brincadeira toda, jogando futebol brincando pode levar há alguma coisa, **mas o time que só brinca e se diverte está a muito tempo sem perder e acima de tudo é uma equipe repleta de amigos e companheiros** inclusive o professor Tiago que por muitos é considerado um grande amigo. **Esse tempo todo de futebol, nunca tinha me divertido tanto e ainda mais melhorei meu futebol sem sacrifício.** Acho que todos os garotos do time hoje vem treinar com empolgação e sem preguiça. **Todos nós temos muito a agradecer e refletir sobre os modelos de treinamento do Professor Tiago que trouxe a criatividade e inovação para o nosso futsal.** Um abraço”.*

“Com treinamentos bem elaborados e organizados fazem os treinos ficarem mais dinâmicos e nos faz querer treinar cada vez mais”.

“Percebendo essa possibilidade de transformação é que percebi que talvez eu não seja jogador de futebol, mas posso fazer a diferença atuando como Professor de Educação Física. Minha opção no vestibular será Educação Física. O que estou aprendendo na escolinha preciso entender melhor na universidade”.

Aula 07 Data: 25/10

Atividade 01

- Funções administrativas (chamadas, informes, destaques da semana...)

- Leitura de uma crônica do Livro: Futebol à sombra e ao sol de Eduardo Galeano;

Atividade 02

- Jogos Reduzidos – Proposta de atividade em quadra reduzida e com posições definidas como: aquelas que jogam pelas alas, ou seja, os que estão fora da quadra de voleibol, outros que ficam apenas no espaço da quadra voleibol. O jogo inicia e cada jogador precisa respeitar sua espaço de atuação pré estabelecido e encontrar uma forma de cooperar com sua equipe para alcançar um equilíbrio entre defender e atacar;

Atividade 03

- Jogar Cantando – Não é novidade que a música interfere na prática desportiva. A proposta é que os alunos possam jogar futsal escutando ou cantando músicas que embalam sua prática. No segundo momento passamos a troca dos perfis musicais e os colegas de equipe passam a escutar a preferência do companheiro.

Atividade 04

- Avaliação coletiva da aula e propostas pautadas da necessidade de coletivo visando à cooperação e o jogar;

Observações

1. Crônica escolhida: Pobre mãezinha querida. Presente na aula: 14 alunos.

Pesquisador Participante – A cada copa do mundo um novo ritmo embala a nossa seleção brasileira. No maior site de compartilhamento de vídeos do mundo o youtube, temos várias imagens que mostram o clima descontraído de muita música momentos antes da final da copa de 2002. **A atividade 03 superou minhas expectativas uma vez que cada aluno passou a jogar com outras orientações que moviam seu interior estreitando uma relação com o ritmo da música** que escolhera, mas até que ponto a música move as opções de jogo. Deixarei para que os próprios alunos relatem tal experiência.

Relato dos alunos.

*“O fato de jogar com música me deixou mais **alegre e tranquilo para tomada de decisões** como um chute ao gol, passe ou até mesmo drible. Quando estava escutando um pagode,*

samba minha vontade era de ir para cima arriscar um drible, jogada mais sofisticada, mas quando troquei de aparelho e escutei a música de outro companheiro fiquei um pouco perdido, pois ele gosta de música eletrônica ai ficava mais na defensiva com vontade de chutar ao gol direto”.

*“Quando acho que todo o possível foi feito para modificar os treinos, surge essa atividade. Loucura. **Pena que não posso usar minhas músicas na hora do jogo, mas aprendi que posso cantá-la durante as partidas”.***

Aula 08 Data: 27/10

Atividade 01

- Funções administrativas (chamadas, informes, destaques da semana...)
Leitura de uma crônica do Livro: Futebol à sombra e ao sol de Eduardo Galeano;

Atividade 02

- FUTPAR – Nessa atividade há um jogador que joga como facilitador, ou seja, toda a sua equipe estará de mãos dadas, mas um único integrante deverá proporcionar às demais possibilidades de marcar gols e defender suas respectivas equipes;

Atividade 03

- O jogo – Na última aula procuro destacar o acúmulo das discussões de textos, depoimentos, situações de jogo e coloco situações de cooperação no jogo e passamos a jogar na sua complexidade de forma harmoniosa, solidária, transformadora respeitando as individualidades e coletividades. Sendo assim, passamos a aula jogando o jogo que modificamos;

Atividade 04

- Avaliação coletiva da aula e propostas pautadas da necessidade de coletivo visando à cooperação e o jogar;

Observações

1. Crônica escolhida – Os gerais e o futebol. Presentes na aula: 15 alunos.

Pesquisador Participante – Chegou o último dia de intervenção. Dedicamos ao final da atividade um tempo maior de avaliação sobre o que aprendemos nesse conjunto de oito

aulas e o iremos levar como aprendizado para vida. O importante é que ficou claro que essa metodologia não será abandonada e simplesmente trocada por outra. O grupo entendeu a proposta e a continuidade desse trabalho dar-se-á durante o restante do ano, passando por um processo de reestruturação para **incorporar novos valores para o ano seguinte**.

Relatos dos Alunos

*“Essa proposta já vinha sendo trabalhada. **Aprendi muito a respeitar meus amigos e suas dificuldades**. Aqui preciso primeiro me colocar na posição de um jogador e olhar para o próximo com olhar de respeito e estender o braço nas situações que eu puder ajudar”.*

*“Espero que outras atividades bem organizadas como as propostas nessas aulas voltem. Esse é meu último ano na categoria Sub 17 e **penso em montar um Sub 20** assim não preciso sair da escolinha”.*

*“**Agora estou entendendo esse jogar-jogando que o professor tanto nos fala**”.*

*“**Aprendi alguns valores de respeito, amizade, companheirismo**. Nosso time está um ano invicto e a derrota pode até vir e certamente virá uma hora, mas isso não nos assusta porque **nunca entramos na quadra para vencer alguém e sim vencermos nossos próprios limites enquanto grupo**”.*

5. ANÁLISES DAS INTERVENÇÕES

O objetivo central dessa análise é destacar elementos com base nas unidades significativas, que possibilitaram aos envolvidos na pesquisa momentos em que os Jogos Cooperativos, carregado de valores, auxiliaram na construção do ser que joga.

Assim, não pretendo elencar minha relação com os envolvidos, tampouco creditar minha atuação com professor-pesquisador qualificando as intervenções em relatos do tipo: “Nossa relação com o professor Tiago é ótima, pois ele além de técnico é nosso amigo”. Acredito que afirmações como essa possuem um valor significativo de análise, mas, de fato, não contempla a proposta pautada nos Jogos Cooperativos e nos quatro eixos fundamentais (sentir, pensar, agir e avaliar) que elenquei como princípios básicos para o entendimento da complexidade do jogo. Antes de apresentar tais unidades significativas, irei resgatar momentos dos registros dos participantes dessa pesquisa embasarão a construção dessas unidades. Assim, esse resgate servirá como espécie de filtro, que selecionará momentos importantes.

- *“Nunca entramos na quadra para vencer alguém e sim vencermos nossos próprios limites enquanto grupo”; “Alegre e tranquilo para tomada de decisões”; “Melhorei meu futebol sem sacrifício”; “Diversão através do jogo”;*
- *“Pensar em nós mesmos primeiro, depois pensarmos a estar juntos com o time”; “Liberdade para opinar”;*

Outros relatos marcaram essa intervenção, mas para dar corpo e sentido ao que estou defendendo nesse trabalho, acredito que as passagens acima darão conta do propósito. Primeiramente, é importante ressaltar que a categoria sub 17 com a qual trabalhamos esteve invicta durante um ano e dois meses, mas os resultados dos jogos nunca foram os fins que justificavam ou não nossa resignificação da prática, ou seja, essa metodologia do resgate do **ser** que joga está sendo trabalhada há algum tempo, mas não para um fim competitivo e sim de formação. Contudo, tal perspectiva auxiliou e contribuiu muito para esse tempo todo sem derrotas em quadra.

Durante a trajetória final desse trabalho acabamos perdendo um jogo para uma equipe de uma cidade vizinha a Florianópolis, que obteve excelente resultado em jogos em

nível estadual. Para minha surpresa, fizemos uma avaliação coletiva da derrota e, segundo relatos dos envolvidos, não houve uma derrota e sim um placar expresso em números, mais do que isso, os fatores que eles julgaram terem influenciado no placar estavam relacionados há aspectos de estados, sentimentos e não na ação daquele que “não passou a bola” ou “perdeu um gol sozinho de frente para a meta”. Ao final, concluímos que o fato de estarmos no fim do ano letivo com provas, trabalhos, namoros, viagens e projetos influenciou diretamente no resultado e que os treinos deveriam seguir a mesma metodologia do jogar, jogando e cooperando.

Para analisar as passagens que resgatei dos registros dos alunos, irei estabelecer um diálogo entre os princípios que anuncie dos Jogos Cooperativos e nos quatro eixos de desenvolvimento do ser.

As palavras que estão a ser analisadas poderíamos dar significados dos mais diversos, uma vez que estão “soltas”, descontextualizadas. Mas para um melhor entendimento basta o leitor fazer um exercício de remeter-se às aulas e interpretar o contexto. Quando um aluno traz a questão da liberdade para opinar isso está inserido em uma concepção aberta de ensino, em que professores e alunos estabelecem uma relação de níveis diferentes, mas nunca mais ou menos importante. Logo, aquele que sente, pensa, age e avalia deve ter como garantia básica a oportunidade de expressar aquilo que sente ou sentiu durante um jogo ou atividade. Esse mesmo aluno que tem a liberdade de opinar é o que terá como garantia nos Jogos Cooperativos a oportunidade de estar tranquilo para expressar aquilo que pensa. Estar tranquilo aqui é estar em harmonia com os eixos que apresentei anteriormente. Quando ele afirma que está tranquilo, está afirmando que o medo de errar não se faz presente naquele momento, ou seja, a entrega de quem está envolvido com o jogo é completa/integral. Veja bem, aqui não estou afirmando que professores e alunos sabem as mesmas coisas e sim dizendo que o professor precisa estar na condição de mediador para saber potencializar/provocar nos alunos um desejo de saber, entender e questionar.

Algumas metodologias de treinamento remetem a idéia de que precisamos nos dedicar a sessões repetitivas e exaustivas de treinamento para alcançar a perfeição técnica e tática. Quando não conseguimos alcançar esses resultados, torna-se simples a solução: aumentar a carga de treinamento e repetições sem ao menos fazer uma reflexão crítica sobre as conseqüências desse trabalho. Portanto, o jogar jogando aprimora as questões técnicas, táticas, físicas cada um (ser) no seu tempo, construindo o coletivo sem o chamado sacrifício, conforme relata um participante dessa pesquisa: *“Melhorei meu futebol sem sacrifício”*.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema metodologia de ensino dos esportes é pertinente e deve ser objeto de ensino e pesquisa para aqueles que estão diretamente envolvidos com o processo de ensino-aprendizagem do futsal. A partir do desenvolvimento dos esportes, em geral, do futsal, em específico novas metodologias de ensino foram surgindo com objetivo de suprir lacunas existentes nos procedimentos metodológicos para ensinar futsal. Contudo boa parte do conhecimento teórico-prático e que hegemonicamente dominam essas áreas está pautada em uma proposta biologista/física, na qual o ser passa por uma separação entre corpo e mente.

Certamente o referido trabalho não responde às inúmeras perguntas que poderão surgir para aqueles que se lançam na sua leitura. Porém, meu objetivo não é esgotar o diálogo entre as mais diversas metodologias. Muito pelo contrário, esse estudo visou apresentar uma proposta, com fundamentação teórica e aplicabilidade na prática.

As reflexões-ações enunciadas nessa pesquisa certamente podem estar presentes nas metodologias utilizadas em outros ambientes de ensino em que objetivo geral esteja nos Jogos Cooperativos juntamente com os quatro eixos que destaquei nesse estudo, sendo eles: sentir, pensar, agir e avaliar. A escolinha em estudo tem como sua primeira categoria alunos com cinco anos e caso esses princípios já sejam desenvolvidos a partir dessa idade poderíamos facilitar a compreensão do papel do **ser** que joga. Infelizmente, o que encontramos na grande maioria das escolinhas é um modelo cartesiano, fragmentado e descontextualizado da realidade que está sendo aplicado.

Visto isso, é de suma importância que: professores mediadores ou técnicos devessem, antes de aplicar qualquer metodologia de ensino, estar alinhados harmoniosamente com seus estudos, pesquisas para que haja uma relação próxima entre teoria e prática. Assim, evitaríamos um processo pautado apenas em experiências passadas e reproduzidas em o mínimo de coerência entre objetivos, metodologias e cor ser aplicado.

Esse estudo vai de encontro com muitas metodologias de ensino do esporte abordadas aqui nesse estudo, mas apresenta fundamentalmente onde e como (através da Pesquisa-Ação) podemos ressignificar nossa prática para entendermos em uma maior complexidade esse ser muito mais cognitivo e motor como apresenta alguns autores. Alguns autores como Greco, Garganta e Mesquita apresentam modelos que de fato rompem com o tecnicismo uma vez que pretendem deslocar a relevância tradicionalmente conferida, ao ensino das técnicas isoladas, para o desenvolvimento da capacidade de jogo, através da compreensão táctica do jogo. Com o crescimento da influência das correntes cognitivistas e construtivistas¹⁵. Mesmo com as afirmações e proposta de metodologias pautada na complexidade dos jogos, atividades físicas, técnicas e táticas integradas acredito que é na concepção primeira em Jogos Cooperativos e nos quatro eixos que o processo de ensino-aprendizagem dar-se-á de forma completa.

Concluindo espero que essa pesquisa possa ter contribuído para a formação daqueles que um dia possam vir a estudá-la. Certamente irei aprofundar meus estudos nessa concepção de ensino e ao longo da minha vida irei procurar estar em harmonia com os quatro eixos que apresentei aqui. Uma vez que o jogo em estudo é o futsal, mas a vida pode ser em uma analogia um grande jogo.

¹⁵ Construtivismo é uma das correntes teóricas empenhadas em explicar como a inteligência humana se desenvolve partindo do princípio de que o desenvolvimento da inteligência é determinado pelas ações mútuas entre o indivíduo e o meio. A idéia é que o homem não nasce inteligente, mas também não é passivo sob a influência do meio, isto é, ele responde aos estímulos externos agindo sobre eles para construir e organizar o seu próprio conhecimento, de forma cada vez mais elaborada.

7. REFERÊNCIAS

BAYER, C. **O ensino dos desportos colectivos**. Lisboa: Dinalivro. 1994.

BAYER, Claude. **O ensino dos desportos colectivos**. Lisboa: Dinalivro, 1994.

BROTTO, Fábio. **Jogos Cooperativos**. Santos, SP: Editora Re-Novada, 2003.

CASTELO, J. **Futebol modelo técnico-tático do jogo: identificação e caracterização das grandes tendências evolutivas das equipas de rendimento superior**. Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana, v.1. 1994.

CASTELO, J. **Futebol modelo técnico-tático do jogo: identificação e caracterização das grandes tendências evolutivas das equipas de rendimento superior**. Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana, v.1. 1994.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.

FREIRE, Madalena et al. **Avaliação e planeamento: instrumentos metodológicos II**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

GARGANTA, Júlio. **Para uma teoria de los Juegos Desportivos colectivos**. In: GRAÇA, A. e OLIVEIRA, J. (org.). **O ensino dos jogos desportivos**. 2ª ed. Porto: Universidade do Porto, 1995.

GARGANTA, J; PINTO, J. **O ensino do futebol**. In: A. Graça e J. Oliveira (Ed.). **O ensino dos jogos desportivos**. Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto: Rainho & Neves Lda, v1, 1994.

GOMES, Antonio Carlos; MACHADO, Jair de Almeida. **Futsal: metodologia e planeamento na infância e adolescência**. Londrina: Midiograf, 2001.

GONÇALVES, Elisa Pereira. **Iniciação à pesquisa científica**. Campinas: Alínea, 2007.

GRECO, Pablo Juan. **Iniciação esportiva universal 2: Metodologia da iniciação esportiva na escola e no clube**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

GRECO, J. P. (1995). **O ensino do comportamento tático nos jogos esportivos coletivos: aplicação no handebol**. Tese de doutorado, Faculdade de Educação, EUC, Campinas.

HORKHEIMER, M & ADORNO, T. W. **Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí: Unijuí, 1994.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia da educação**. São Paulo: Cortez, 1994.

TAVARES, F; GRECO, P. J; GARGANTA, J. **Perceber, conhecer, decidir e agir nos jogos desportivos coletivos**. In: G. Tani, J. O. Bento, et AL (Ed.). *Pedagogia do desporto*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

SCAGLIA, Alcides. **Novas tendências em pedagogia do esporte: a abordagem tradicional**. Disponível em: <http://www.universidadedofutebol.com> Acessado em: 15 nov. 2011.